

É evidente que a história\* tem muitos paralelos com o relato de Elizabeth Fox a respeito de sua meditação de um mês sob as ordens de Crowley. O que acontece é simples. Caímos num modo de viver habitual, o que significa que o "robô" do subconsciente pode ficar de folga. Não há situações de emergência repentinas para mantê-lo alerta. Assim, o mundo interior de uma pessoa se torna tão habitual e previsível quanto sua vida exterior. O problema é convencer o robô a começar a fertilizar a consciência com explosões de "novidades", para que a pessoa possa desenvolver-se. A melhor maneira de consegui-lo é pelo desconforto, que apresenta como primeira reação a dor e o sofrimento. Quando esse sofrimento auto-infligido avança o suficiente, o robô tem de tomar alguma atitude para contra-atacar. O *esforço adicional* é importante para o rompimento, pois convence o robô de que se trata de uma situação grave. A vida interior deixa então de ser árida e repetitiva. A fonte interior retoma seu fluxo.

As práticas ascetas dos santos obviamente funcionam segundo o mesmo princípio.

Do nascimento até os vinte e um anos, crescemos fisicamente e em todos os outros sentidos. As transformações ocorrem dentro de nós sem que precisemos desejá-las. Aí o crescimento pára. De tal forma estamos acostumados às transformações "automáticas" que temos dificuldade de parar de esperar que o crescimento continue ocorrendo automaticamente. Como ele não continua, a maioria das pessoas vai aos poucos enrijecendo. Para que o crescimento continue, devem-se empreender esforços inusitados para estimular o robô a prover "novidades". Este é o âmago do trabalho de Gurdjieff. Seu primeiro objetivo era derrotar o ócio natural do homem — a tendência de relaxar e "desligar". Orage, falando do que ocorreu quando fez o "esforço extra" como jardineiro, afirma: "Foi exatamente nesse ponto que *alguma coisa mudou em mim*." Aprendera o segredo fundamental: não há um bom motivo para que não continuemos o desenvolvimento, nesse sentido interior, o tempo todo, de modo que alguma coisa continue a "mudar" diariamente.

Gurdjieff nasceu em 1873, em Alexandropol, na Transcaucásia, de modo que embora os pais fossem gregos (seu sobrenome na realidade era Gorgiades), ele era de nacionalidade russa. No livro *Encontro com Homens Notáveis*\*\* , ele resume os principais aspectos de seus primeiros anos. O pai era um *ashokh* — um "bardo". Um dos poemas que "cantava" era sobre Gilgamesh. Quando leu numa revista que as placas do épico de Gilgamesh haviam sido encontradas em Níneve, sentiu enorme fascínio pela idéia de que um poema declamado pelo

\* Extraída de *Teachings of Gurdjieff, The Journal of a Pupil*, de autor anônimo, Londres, 1961, p. 28.

\*\* Publicado pela Editora Cultrise — Pensamento. (N. do C.)

pai atravessara milhares de anos por via da palavra falada. Foi o princípio de uma suspeita de que talvez outras formas de conhecimento também teriam chegado até nós através dos tempos — doutrinas secretas. Certos acontecimentos estranhos estimularam-lhe a sensação de que *havia* conhecimentos secretos a serem obtidos, bastando apenas que soubesse onde procurá-los. Havia na cidadezinha um rapaz neurastênico capaz de prever o futuro com espantosa exatidão. Sentava-se entre duas velas acesas, olhando fixamente para a unha do polegar, até entrar em transe e ver o futuro (de quem quer que fosse o caso de ele estar investigando) em sua unha. Previu corretamente que Gurdjieff teria uma mancha infeccionada e dolorida no lado direito do corpo — foi um carbúnculo que teve de ser extraído —, e que sofreria um acidente com arma de fogo (levou um tiro na perna numa caçada). Uma noite, os amigos sugeriram "trabalhar com a mesa", e o pé da mesa bateu corretamente o número de anos da idade de cada um deles. Talvez os mais estranhos de todos os fenômenos sejam os relacionados com uma seita chamada Yezidis, tribo da região do Monte Arat, às vezes conhecida como adoradora do diabo. Ele viu um menino da tribo chorando, incapaz de sair de um círculo que outras crianças maldosas haviam traçado à sua volta. Em outra ocasião, teve oportunidade de verificar o fato por experiência, e relata que foram necessárias duas pessoas, ele e um homem forte, para tirar de dentro de um círculo traçado no chão uma mulher dos yezidis. Ao deixar o círculo assim à força, ela caiu em transe; colocada de volta no círculo, recobrava a consciência normal. Os yezidis ficam confinados no círculo como que por paredes de vidro. Quando não são colocados de volta, ao serem arrastados para fora, o transe dura de treze a vinte e uma horas. Nesses casos, os sacerdotes podiam devolver a consciência por meio de palavras mágicas.

Um dia, um rapaz que Gurdjieff conhecia bem morreu depois de uma queda de um cavalo. Na noite seguinte ao sepultamento do corpo, o rapaz foi visto quando tentava entrar de novo em sua casa. Cortaram-lhe a garganta e levaram o corpo de volta para o cemitério. Tudo indica que o homem não havia morrido ao ser sepultado pela primeira vez, mas os vizinhos estavam convencidos de que seu corpo fora possuído por um espírito do mal, talvez um vampiro.

Gurdjieff começou a ler tudo que encontrava sobre ocultismo, numa tentativa de explicar esses fenômenos. Visitou mosteiros. Numa peregrinação a um santuário milagroso das proximidades, viu um jovem completamente paralítico de um lado arrastar-se montanha acima, dormir ao lado do santuário e depois acordar curado. Viu uma garota morrendo por *definhamento* ser curada da noite para o dia, ao beber frutos de roseira fervidos no leite, depois que a Virgem lhe dissera em sonho que isso a curaria. E viu uma cerimônia especial para provocar chuvas, de que todas as igrejas da cidade participaram, seguida de imediato aguaceiro.

Gurdjieff conseguiu emprego de foguista na estrada de ferro local, e quando lhe pediram que acompanhasse um engenheiro para analisar a rota de